

## EDITORIAL



## CELSO FILIPE

Director adjunto

cfilipe@negocios.pt

# Era uma vez a Comporta

**H**á 30 anos a Comporta era a praia preferida (por ser a mais próxima) dos espanhóis de Badajoz. Era apenas mais uma praia, sem qualquer encanto especial, numa extensa linha de areal que se estende de Tróia a Santo André. Por essa altura já a Torralta, antiga dona do complexo turístico de Tróia, estava em queda, e o litoral alentejano praticamente não contava para a captação de turismo, tanto nacional como internacional.

Num período posterior começaram a surgir intenções de investimento no litoral alentejano, muitas das quais ficaram pelo caminho. Ainda assim, nasceu a Soltróia (empreendimento de natureza imobiliária), Tróia passou para as mãos da Sonae e o grupo Pestana também adquiriu terrenos na zona. Foram surgindo hotéis e similares e a região cresceu em notoriedade.

O “glamour” foi-lhe dado pelo apelido Espírito Santo. A família, dona da Herdade, “descobriu” as praias e o encanto da zona e funcionou como um íman, atraindo outros membros da elite nacional e os candidatos a pertencerem ao clube. A Comporta passou de uma toponímia sem valor para uma marca de grande prestígio, nela cabendo outros sítios que nem pertencem à freguesia, casos do Carvalhal, Pêgo ou Muda. De repente, a zona foi-se pejando de milionários, membros do jet-set nacional e internacional e de representantes mais ou menos próximos de diversas famílias reais, engordando substantivamente a sua fama. Naturalmente, o Grupo Espírito Santo quis rentabilizar esta maré alta, mas os projectos turísticos que tinha para a região acabaram por sucumbir com a derrocada do BES em 2014. O resto da história já se conhece.

Ontem, a assembleia de participantes da Gesfimo aprovou a venda de duas áreas de desenvolvimento turístico da Herdade da Comporta a um consórcio cujos rostos são Paula Amorim e o milionário francês Claude Berda, que já tem interesses naquela região através da Vanguard Properties. Termina assim uma novela que teve todos os ingredientes de um filme de suspense, da intriga aos volte-face, passando pelas insinuações.

Para quem vive naquela região este epílogo traduz-se num suspiro de alívio porque significa o fim do impasse. No entanto, é só o princípio, porque o que se pede aos vencedores é que cumpram a sua promessa, a de construir um destino turístico inclusivo e não projectos imobiliários exclusivos.

É aqui que as câmaras de Grândola e Alcácer do Sal, as quais têm a jurisdição destas áreas, terão um papel determinante. Para já, o tempo é de expectativa. ■